

# **O TESOURO DE JABOATÃO**

JOSÉ BEZERRA DOS SANTOS

JOSÉ BEZERRA DOS SANTOS

---

# O Tesouro de Jaboaão

(HISTÓRIA E FANTASIA)

*Ilustrações de Álvaro Santos*



ESPONTÂNEA CONTRIBUIÇÃO AO  
I CENTENÁRIO DE ARACAJU  
1955



EDIÇÃO COMEMORATIVA DO  
CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DO AUTOR  
2019

© Copyright 2018 by José Geraldo Dantas Bezerra

Todos os direitos desta edição reservados ao editor. Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio ou processo, com finalidade de comercialização ou aproveitamento de lucro ou vantagens, com observância da Lei de regência. Poderá ser reproduzido texto, entre aspas, desde que haja clara menção do nome da autora, título da obra, edição e paginação. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

**Diagramação**  
Joselito Miranda

**Editoração**  
Editora ArtNer Comunicação

**Impressão**  
Infographics

**Correção ortográfica e gramatical**  
Profa. Lilian Gomes Rocha

Printed in Brazil / Impresso no Brasil

### Ficha Catalográfica

---

Santos, José Bezerra dos.  
S237t O tesouro de Jaboaatão (História e Fantasia) - Ilustrações de Álvaro Santos. / Espontânea contribuição ao I Centenário de Aracaju. / José Bezerra dos Santos.  
- Aracaju: ArtNer Comunicação, 2018.

142p.: il.

ISBN: 978-85-69567-38-7

1. Literatura Sergipana
  2. História- Jaboaatão- Sergipe
  3. I Centenário- Aracaju
- I - Título

CDU: 821.134.3: 94 (813.7)

---

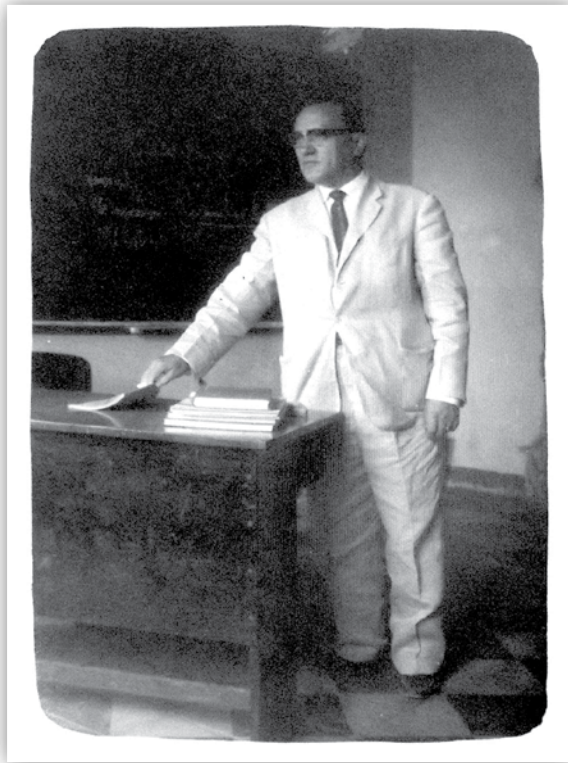
Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária: Jane Guimarães Vasconcelos Santos CRB-5/975



**Editora ArtNer Comunicação**

Tel.: (79) 99131-7653 • 3043-1744

<http://artner.com.br/>



José Bezerra dos Santos

★ 20/02/1919

† 23/09/1982

## **JOSÉ BEZERRA DOS SANTOS**

### **1919**

Nascido em 20/02 em Jaboatão - filho de Manoel Antônio dos Santos e Belaniza Bezerra dos Santos. Em novembro do mesmo ano veio transferido para a casa de seus avós em Aracaju, vindo a residir toda a sua infância na rua Lagarto, próximo ao Morro do Bonfim.

### **1926**

Frequenta as escolas particulares de d. Nenzinha, d. Marocas, Maria Baião, d. Elvira e o Grupo General Valadão, sob direção das professoras Emília e Amália.

### **1929**

Matriculado no Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora, sob direção dos padres José Selva e Epifânio Borges.

### **1931**

Exame de admissão ao ginásio, tendo como inspetor federal o prof. Franco Freire.

### **1933**

Como aspirante à vida religiosa Salesiana viaja para Jaboatão dos Guararapes-PE

### **1936**

Noviciado

**1937**

Profissão religiosa e início do curso de Filosofia (Lógica e Metafísica).

**1938**

Ida para o Colégio Salesiano em Baturité-CE, onde leciona Português, História do Brasil e Desenho. No final do ano, desiste da vida religiosa, regressando para Aracaju.

**1939**

Leciona Português no Colégio Salesiano e é contratado como bedel no Colégio Tobias Barreto.

**1942**

Casa-se com a srta. Cacilda Dantas.

**1943**

Nasce o seu primeiro filho, João Bosco. Aprovado nos exames de Licença Ginásial nos termos da Lei Orgânica do Ensino Secundário do Colégio Estadual de Sergipe.

**1944**

Aprovado nos exames de suficiência para professor de Latim. Inicia como aluno o Curso Clássico no Colégio Estadual de Sergipe.

**1945**

Inicia-se no Magistério Público, contratado para ensinar Latim no mesmo Colégio Estadual sendo, então, nomeado auxiliara de diretor pela portaria de 06/07 diretor prof. Joaquim Sobral. Participa de atividades políticas com LEC, junto ao bispo diocesano D. José Tomaz Gomes da Silva e a intelectualidade católica.

**1946**

Conclusão do Curso Clássico. Nascimento do seu segundo filho, José Geraldo.

**1948**

Aprovado em exame de suficiência para professor de Português, passando a lecionar a mesma disciplina na Escola de Comércio Conselheiro Orlando.

**1949**

Aprovado no Concurso Vestibular na Faculdade de Direito de Maceió, onde inicia o curso de Ciências Jurídicas. Nomeado professor interino da cátedra de Português do Instituto de Educação Ruy Barbosa, substituindo a profa. Cecinha Melo.

**1951**

Passa a lecionar Português nos colégios Jackson de Figueiredo, Patrocínio de São José e Tobias Barreto

**1952**

Efetivado no Concurso de Provas e Títulos como professor catedrático de Português no Instituto de Educação Ruy Barbosa, defendendo a tese *Machado de Assis na Literatura Nacional*.

**1953**

Gradua-se como bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de Alagoas.

**1955**

É nomeado diretor do Instituto de Educação Ruy Barbosa. Publica o livro *O Tesouro de Jaboatão*. Funda com amigos e preside o Partido Democrata Cristão, participando da campanha à presidente do Gal. Juarez Távora.

**1956**

Através do concurso público é aprovado para a magistratura sendo nomeado Juíz de Direito da Comarca de Itabaiana, havendo tomado posse em 12/10/1956.

**1957**

Passa a lecionar Português no Colégio Estadual Murilo Braga, em Itabaiana-SE.

**1967**

Transfere-se, por solicitação sua, para a Comarca de Itaporanga D'Ajuda. Retorna a lecionar no Instituto Ruy Barbosa, em Aracaju. Posto em disponibilidade como magistrado em 08/1967.

Na convivência do Instituto Rui Barbosa, junto ao maestro Leozírio Guimarães e outro colegas fundam a SOFISE - Sociedade Filarmônica de Sergipe, passando a dedicar-se a atividades musicais.

**1976**

Aposenta-se como professor do Ensino Médio.

**1980**

Após acidente por queda, sofre AVC, ficando hemiplégico à esquerda o que lhe dificulta a locomoção. Diabético, evolui para insuficiência renal.

**1982**

Aposenta-se como juiz de direito. Vindo a falecer em 23/09.



*— Aos meus diletos filhos, João Bôsko e José Geraldo, aqui está um exemplo de espírito de sacrifício e trabalho, para que lhes sirva de estímulo na vida, e lembrança sempre viva de seu papai.*

Ao povo querido de minha terra japoatonense e a essa geração que, desvanecida, assiste às comemorações do Primeiro Centenário de Aracaju, segundo teatro de operações na campanha incruenta pela conquista do lendário Tesouro de Jaboatão em 1931, dedico esta despretensiosa obra, cujo fim único se resume em uma só palavra: Patriotismo.

J. B. DOS SANTOS

## UM VULTO SERGIPANO DIGNO DE MEMÓRIA

Louvável, sob todos os aspectos, a iniciativa de comemoração do Centenário de Nascimento do emérito sergipano Dr. José Bezerra dos Santos (1919-2019), homem probo na verdadeira acepção da palavra, professor público de ensino médio, juiz de Direito e cultor da arte literária, cujo falecimento ocorreu em Aracaju, em 23 de setembro de 1982.

Pondo de lado os aspectos gerais de sua vida e obra, já assinalados na capa e contracapa da primeira edição de *O Tesouro de Jaboaão* (1955), reproduzidos nesta edição comemorativa, é de bom alvitre pôr em destaque a atuação literária do homenageado, evidenciando sua contribuição às letras sergipanas, e, conseqüentemente, à literatura brasileira. Nesse aspecto, a cultura e o talento do Dr. José Bezerra dos Santos se patenteia, como beletista, em seus dois livros publicados: um no campo da história literária e crítica (*Machado de Assis e a Literatura Nacional* – 1952), com reedição à parte, e outro na área do romance de costumes com incursões históricas (*O Tesouro de Jaboaão* – 1955), ora na presente reedição, enriquecida com uma oportuna cronologia biobibliográfica introdutória.

Além dos méritos intrínsecos de homenagem histórica tripla (Estado de Sergipe, município de Japoatã (antes Jaboaão) e atuação colonial dos Jesuítas entre nós), *O Tesouro de Jaboaão* traz em seu bojo ilustrações significativas do pintor Álvaro Santos, que se transformaram hoje numa relíquia pictórica, constituindo, por assim dizer, uma homenagem paralela à memória do inditoso artista, grande nome da pintura contemporânea em plagas aracajuanas. Essas gravuras ilustrativas são únicas, daí a sua importância histórica, preservadas pela obra ficcional do romancista em apreço, por louvável iniciativa do Movimento Cultural de Sergipe, sob a direção do escritor José Augusto Garcez.

Nas poucas mais de uma centena de páginas da primeira edição (1955), o romancista mostra-se à altura da tarefa recriadora empreendida, com indiscutível domínio do vernáculo na urdidura do enredo fabulatório, entremeando descrições paisagísticas lapidares com espontâneos diálogos entre personagens humildes (lavradores e lavadeiras), tendo como pano de fundo todo um recorte significativo da população de Jaboatão (hoje Jaboatã) e sua linguagem interiorana, contraposta aos falares cultos de jornalistas e doutores da capital sergipana. À margem do substrato linguístico, o conseqüente reboiço comunitário, tanto em Jaboatão como em Aracaju, tendo como epicentro motivador a “descoberta” de um suposto tesouro ali enterrado pelos jesuítas em eras coloniais, ao lado do convento e igreja de Nossa Senhora das Agonias, hoje Nossa Senhora do Desterro, padroeira daquele município.

Presente em todo o romance, a sensibilidade e o toque de mestre do seu autor, como na descrição paisagística irretocável posta na abertura do romance:

Sonolentas águas vão correndo mansas e tranquilas nas ensombradas várzea de minha terra. Sobre elas se debruçam altos e cambaleantes araticunzeiros que delas parecem bêbados. São águas frias que se vão alargar nos arrozais da Cotinguiba; vão confundir-se com as lamas da baixada do S. Francisco. O riacho se prolonga, serpeando, abrindo aqui e ali profundos poços de água azul, mas, na superfície, a linfa continua sempre descendo, descendo...

Poucas linhas abaixo, continua a descrição aprimorada, agora entremeada com diálogos naturais entre lavadeiras interioranas:

Naquele dia, sinhá Vitória, a velha lavadeira da região, conhecida por todos como *jornal da manhã*, já estava com a nova do dia.

- Oh! Sinhá Joana!
- Ó sinhá Vitória, que é que há?
- Sabe da novidade?
- Não, diga logo!

Sinhá Joana era outra profissional, que lavava e engomava a roupa do seu Mangueira, respeitável cidadão na moeda e inteligência.

Esse linguagem natural, profundamente romanesca, mantém-se presente em mais da metade dos capítulos de *O Tesouro de Jaboaatão*. Nos demais capítulos, em menor número, prevalece o raconto da História de Sergipe colonial, manifestando-se o narrador *protoplásmico* (expressão criada por Vargas Llosa) pela boca do velho Júlio, convertido, assim, em seu porta-voz, daí não passar a inteireza e elevação de sua linguagem, de um eco imitatório do dito narrador. Pelo cunho fático-prosaico de eventos históricos acontecidos em tempos distantes, é natural que a sua transposição para os domínios da literatura, provoque, em consequência, empobrecimento do estrato elocucional posto na boca do narrador-personagem (o velho Júlio), restando, porém, um saldo positivo na ótica da informação histórica, como homenagem tardia à terra e os vultos sergipanos de antanho, como é o caso em foco.

Tudo começa com o sonho do lavrador Pedro de Alcântara (1931), ponto inicial da trama romanesca urdida, e o pano de fundo, por ser um eco apenas muito distante da atualidade dos fatos históricos, desromantiza certamente a narrativa, com desvio do estrato linguístico próprio do narrador-personagem de poucas letras para o estrato linguístico do narrador-autor de cultura elevada. Processo mimético esse muito comum aos velhos romancistas, tanto nacionais como estrangeiros, o que explica e justifica o caminho seguido pelo prosador sergipano, pondo na boca de Júlio palavras e conhecimentos muito além do seu próprio estrato linguístico, dando, assim, ênfase à informação histórica, de conteúdo linear, em detrimento do enredo e trama fabulatória pluridimensionais.

Em seu livro *Na Seara do Vernáculo* (1ª ed., 1957, pp. 99-100), o Prof. Cecílio Cunha reproduz todo o Capítulo XLIII, dedicado à partida da imagem de Nossa Senhora das Agonias, desterrada do povoado para Roma (em 1630), por força da guerra holandesa. Duas belas páginas antológicas de *O Tesouro de Jaboaatão*, com primorosa ilustração do pintor Álvaro Santos. Como essas, tantas outras se encontram fartamente no romance, dignas de serem acolhidas em florilégios

nacionais, bastando mencionar as contidas nos Capitulo I a XXIX, e XLV a XLVII. Por sua vez, o último Capítulo (L) encerra, por assim dizer, o ápice da maestria do romancista conterrâneo no domínio da arte de escrever, ou, melhor dizendo, da arte de recriar mundos imaginativos, inefáveis, encantatórios, capazes de nos conduzirem ao ponto alto das emoções humanas.

Por último, é de se realçar a significação do lançamento de *O Tesouro de Jaboaão* em 1955, em sua primeira edição, agora reeditado. Na ótica da literatura sergipana propriamente dita, ou seja, de produções literárias acontecidas em nosso espaço-cultura, a arte do romance modernista teve pouca representatividade entre nós, já que os nomes expressivos de Sergipe se notabilizaram de fora para dentro, e não de dentro para fora. Os nossos consagrados romancistas modernos ganharam nomeada em outros Estados brasileiros, notadamente no sul do país (Rio de Janeiro e São Paulo), como é o caso de Ranulfo Prata, José Barreto Filho, Amando Fontes, Paulo Dantas, Alina Paim, Omer Mont’Alegre e Raimundo Souza Dantas, entre poucos outros. Em termos locais, a nossa pobreza literária, nos anos de 1950, chega a ser quase franciscana: duas minguadas experiências pioneiras, fartamente enriquecidas pela “prata da casa”: a de Jose Bezerra dos Santos, com *O Tesouro de Jaboaão* (1955) e a de Flora do Prado Maia, com *Retalhos de uma Vida* (1957).

*Jackson da Silva Lima*  
*Historiador e Folclorista*

## CAPÍTULO

### 1

**S**onolentas águas vão correndo mansas e tranquilas nas ensombradas várzeas de minha terra. Sobre elas se debruçam altos e cambaleantes araticunzeiros que delas parecem bêbados. São águas frias que se vão alagar nos arrozais do Cotinguiba; vão confundir-se com as lamas da baixada do São Francisco. O riacho se prolonga, serpeando, abrindo aqui e ali profundos poços de água azul, mas, na superfície, a linfa continua sempre descendo, descendo...

Surge um dia de maio. De madrugada, começa o movimento. Raia o sol.

Burrinhos arreados, com quatro latas barulhentas vêm apressados buscar água no riacho. Donzelas grossinhas e bem feitas trazendo à cabeça bacias de roupa, chegam também numa alegre tagarelice de toada regional, e os potes e as cabaças se enchem de água gostosa do riacho de Nossa Senhora, quando, por lá, as tábuas das lavadeiras profissionais já estalam ao bater das peças ensaboadas.

Naquele dia, sinhá Vitória, a velha lavadeira da região, conhecida por todos como 'jornal da manhã', já estava com a nova do dia:

- Oh! sinhá Joana!
- Ô sinhá Vitória, que é que há?
- Sabe da novidade?
- Não, diga logo!

Sinhá Joana era outra profissional, que lavava e engomava a roupa do seu Mangureira, respeitável cidadão na moeda e inteligência.

Sinhá Vitória, dona de tudo o que se passava entre os moradores daquela cidade, sempre cuidava de honrar a dignidade alheia, de modo que, mesmo faladeira, todos lhe queriam bem, porque era um divertimento, principalmente para suas colegas.

Sinhá Joana, contente e preocupada, deixa a roupa estendida, à pressa, no gramado bem pertinho da cerca de arame farpado e, pressurosa, procura sinhá Vitória que, ainda dentro d'água, com as pernas desnudas até o alto das coxas, traz entre elas a ponta da saia de chita velha e, naquele arranjo de calças, demonstra solicitude para dizer a nova que trazia.

– Olhe, sinhá Joana, a senhora soube do sonho do seu Pedro?

– Que sonho, senhora, e você acredita em sonho?

– Espere, senhora, ainda não lhe disse nada...

– E seu Pedro agora deu para sonhador?

– Ora esta! A notícia saiu ontem de tardezinha. Ele mesmo saiu contando a um e a outro que vai a Aracaju pedir ao governo que providencie a retirada de uma riqueza fabulosa que está enterrada!

– O quê? E que sonho é esse tão de valor assim?

– Nozinho, meu marido, estava descansando na calçada da igreja, quando seu Pedro, todo vexado, veio pelo lado da Bica contando o acontecimento.

– E que sonho foi esse? Conte como foi!

– Ah, sinhá Joana, foi um frade jesuíta que veio em sonho dar um tesouro a seu Pedro. Ele disse que estava debaixo do ingazeiro, quando lhe apareceu um vigário de batina preta, todo misterioso, dizendo-lhe que fosse buscar a chave do mistério num lugar ali perto, pregada numa das placas de metal.

– E o tesouro, onde está?

– Aqui em Jaboatão. O frade disse que a cidade está em cima de um subterrâneo, um labirinto com salas e corredores vastos. Numa dessas salas está o tesouro e é preciso tirá-lo, pois sua alma estará penando, enquanto o segredo estiver no mistério.

– O que, sinhá Vitória?... Já sei que isto vai mexer com esse mundo de Deus! E seu Pedro, que é dele?

– Arribou, sinhá Joana, com placas, chaves e tudo. Foi ter com o governo e aproveitou a ocasião para pegar o trem na Batinga.

A notícia se espalhou por todas as proximidades, e o município todo, antes do meio-dia, já estava a par do ocorrido. Na capital, em furo de reportagem, os meninos vendedores de jornais gritavam pelo tesouro



de Jaboatão, mostrando matutinos com letras garrafais e o retrato do seu Pedro, também. Os vespertinos daquele dia não chegaram para o público e prometiam voltar ao assunto no dia seguinte.



*Lavadeiras no riacho*

## CAPÍTULO

### 2

À tardinha, quando o sol declinava no horizonte longínquo, as lavadeiras tornavam à casa com roupas limpas, enxutas e dobradas; vinham elas pelas sinuosas estradas cheias de barrancos, à procura do lar. Bacias na cabeça, braços suspensos para equilibrá-las, continuavam no tema do dia.

– Oh! Sinhá Vitória, se fosse a senhora que tivesse o sonho, que faria?

– Eu, sinhá Joana, ficava caladinha e com meu marido ia trabalhar, para ver se conseguia ser feliz e livrar-me dessa canseira de todo dia no riacho de Nossa Senhora. E vosmecê, Genoveva, que tal? – perguntou a outra colega de face bronzeada e cabeça firme, ao peso do largo cesto de roupa enxuta:

– Ora, ora, tinha a mesma opinião.

E enquanto assim diminuía a distância, Maricota e Vivinha iam conversando sobre seus amoresinhos que, de vez em quando, apareciam no riacho, montados nos pacientes jumentos de carga d’água.

– Eu – já dizia Vivinha para Maricota – pegava o tesouro e carregava para bem longe; no Rio ou S. Paulo ia gozar com Paulinho as delícias da vida, passeando, comendo, dormindo e vivendo bem.

– Que nada, tola! Ele podia gastar tudo à toa e depois ficava você sem nada. O melhor era fazer uma grande fábrica de chita bonita e juntar mais tesouro... mais dinheiro.

A torrezinha da humilde matriz já estava bem perto. Pelo desvio último que dava acesso à primeira rua larga da cidade, umas entraram em direção ao velho gameleiro, do lado do Covão, enquanto outras e outras, tomando costumeiros caminhos, procuraram suas humildes moradas.

## CAPÍTULO

### 3

**D**urante o dia, a cidade estava inquieta. Em cada porta, havia alguém. Cada automóvel que passava era motivo de corrida em toda casa. Todos queriam saber o resultado do sonho de Pedro de Alcântara. Muitos se apressavam para ver o lugar donde foram retiradas as placas. Outros procuravam localizar a abertura que dava entrada ao labirinto. Uns iam, outros voltavam.

Para uns, o Covão era lugar de muitos segredos e mistérios. Para outros, a porta de entrada era por ali mesmo, e quase ninguém se conformava com o parecer de segundos e terceiros. Cada qual tinha sua opinião a dar.

Mas, onde coragem para iniciar as escavações? Quando? E o tesouro existiria mesmo?...

As placas e a chave confirmaram sua realidade! O sonho não fora mentira.

– Deixa Antônio, se Pedro não ficou calado e não tirou isso no mais absoluto segredo, foi porque ele viu que não era trabalho para as suas possibilidades.

– Aí, só o Estado ou a Nação! – disse o senhor Pedrosa que se julgava mais pensador e mais lido.

– Homem, é mesmo! Um caso desses quem não silenciaria, se houvesse facilidade de aquisição de tão grande fortuna? E seu Pedrosa, como foi colocado o tesouro no chão?

Nesse momento, seu Oscar que os acompanhava avançou em passos trôpegos de velho cansado na enxada e, mostrando um gesto de simpática recordação, disse:

– O veio Ogeno sempre me falava dos mistérios dessa terra. A veia Zalina, do veio Justino, ainda outro dia conversando comigo, dizia que chegou a ver os restos das muraias do convento onde ela, cumas donzelinhas do seu tempo, brincava de bate-condê...

Seu Antônio, que participava da família dos citados velhos, ouvindo tais palavras, sentiu-se envaidecido e exclamou:

– É verdade! Sempre que tiveram oportunidade, isto mesmo repetiam... Pois como é, seu Pedrosa, que os alicerces antigos com pequenas escavações estão a olhos vistos? O chão mesmo, em diversos lugares, parece estremecer e mostrar um som de diferente retumbância, quando pisado a passo forte... E o Cruzeiro, já reparou? Nada me engana, seu Oscar, a cousa é verdadeira e tão verdadeira que foi revelada “aos homens do futuro”...

O velho Oscar, atordoado com as assertivas de Antônio, homem alto, moreno e de cabelos ruivos que, naquele momento, se exaltara, como grande tribuno replicou:

– Existe, seu Pedrosa. O Milagre foi revelado. Vamos ver agora a atitude do governo.

E os três, convencidos com esta animada conversa, subiram o caminho da Bica, rumo à Praça da Matriz.